

DISCURSO E PRAGMÁTICA I O SENTIDO E O MUNDO, REFERÊNCIA E SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO, ESTAÇÃO BENVENISTE / DUCROT / FREGE

META

Apresentar um modo pragmático de compreender os sentidos da linguagem considerando relações que incluem o mundo: as coisas, estados de coisas e situações de comunicação.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
tornar compreensível um quadro de conceitos fregeanos e dele destacar as noções de identidade e pressuposição;
tornar compreensível a introdução da noção de situação de comunicação pela abordagem pragmática do discurso.



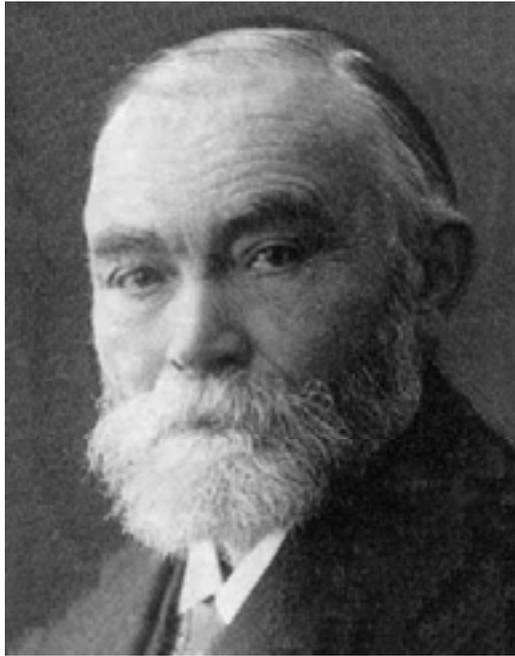
Émile Benveniste
(Fonte: www.unc.edu/~melchert/benveniste2.jpg)



Oswald Ducrot
(Fonte: http://www.leseditionsdeminuit.com/f/index.php?sp=livAut&auteur_id=1529)

INTRODUÇÃO

Nessa aula, faremos uma introdução ao modo pragmático de compreender discursivamente a linguagem em suas relações com o mundo. Para tanto,



Friedrich Ludwig Gottlob Frege
(Fonte: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/fregerussel/biografia_frege.htm)

FILIAÇÃO HISTÓRICA

Os trabalhos das ciências da linguagem desenvolvidos ao longo do século XX que trazem para o objeto de análise os excluídos saussurianos têm uma linha de filiação com a filosofia da linguagem. Vem da filosofia a discussão sobre as condições de verdade de uma oração (TARSKI, 1944). Essas condições são pensadas tendo em vista relações de acordo /correspondência da oração com a realidade, ou seja, a relação da língua com o mundo.

Por exemplo, a oração “o homem não morre” é verdadeira se, e somente se, o homem não morre. Bem, o que temos aí é um desacordo entre a oração e a realidade. O esforço das ciências, que têm a língua como “ferramenta” e as coisas do mundo como objeto de estudos, é evitar essa possibilidade de desacordo, de não-correspondência entre a língua e o real. Tais ciências querem a língua como instrumento de domínio e conquista do saber a respeito do mundo. É por isso que essas ciências, ou melhor, cada uma delas “tem linguagem própria”: a da economia, da medicina, do direito, da linguagem etc.

Para elas, os sentidos precisam ser regulados nas formas daquilo que é dito a respeito do mundo. Em busca da verdade, essas ciências precisam de uma representação formal que exclua a possibilidade de não-correspondência entre a língua e o mundo.

Mas, vamos pensar juntos! Na oração “o homem não morre”, mesmo, em um certo sentido, não havendo correspondência com o real, já que o homem morre, a oração tem uma existência entre nós: é a existência da não verdade, da mentira. Sendo assim, com essa forma de existência, tal oração se constitui em um verdadeiro objeto de estudo.

Nessa direção, já em fins do século XIX, vão os trabalhos de Gottlob Frege (1848-1925).

Friedrich Ludwig Gottlob Frege

“Principal criador da lógica matemática moderna, sendo considerado, ao lado de Aristóteles, o maior lógico de todos os tempos... O grande contributo de Frege para a lógica matemática foi a criação de um sistema de representação simbólica (*Begriffsschrift*, conceitografia ou ideografia) para representar formalmente a estrutura dos enunciados lógicos e suas relações, e a contribuição para a implementação do cálculo dos predicados. Esse parte da decomposição funcional da estrutura interna das frases (em parte substituindo a velha dicotomia sujeito-predicado, herdada da tradição lógica Aristotélica, pela oposição matemática função-argumento) e da articulação do conceito de quantificação (implícito na lógica clássica da generalidade),

tornado assim possível a sua manipulação em regras de dedução formal (As expressões “para todo o x”, “existe um x”, que denotam operações de quantificação sobre variáveis têm na obra de Frege uma de suas origens”. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Gottlob_Frege).

Trazem categorizações que interessam ao estudioso do discurso. A seguir resumimos tudo em quatro pontos. Vejamos:

Sinal: qualquer que seja o nome, combinação de palavras ou letra.

Referência: aquilo que pelo sinal é designado, a coisa do mundo.

Sentido do sinal: o modo de apresentação do objeto.

Representação de um objeto: ordem subjetiva, psicológica, pessoal.

Desse quadro fregeano duas questões emergem como fundamentais: identidade e pressuposição.

IDENTIDADE

Ao colocar em discussão, em uma ordem objetiva, a questão do sentido pela diferença no modo de apresentar uma coisa do mundo (a referência), Frege se depara com o problema das igualdades. Vejamos:

$a = a$	$a = b$
Aracaju = Aracaju	Aracaju = capital de Sergipe

Se o objeto denominado é percebido como um mesmo, uma igualdade, ou seja, uma cidade em particular, e existe a possibilidade de diferença entre os sinais (Aracaju e capital de Sergipe) para referir a mesma coisa do mundo, Frege nos ensina, então, que é preciso considerar as diferenças entre as relações de identidade. Em resumo, o filósofo nos ensina que é preciso tratar o sentido na diferença entre sinais.

Sendo assim, podemos tirar proveito dessa lição e pensar um pouco sobre a designação, sobre o sentido como modo de apresentar, por exemplo, a “beleza da mulher”. Vejamos:

A beleza da mulher = a beleza de Carolina Dickmann	A beleza da mulher = a beleza negra de Taís Araújo
---	---

Convenhamos, é proveitoso compreender as diferenças na identidade através do modo de apresentação do objeto, ou seja, do sentido.

PRESSUPOSIÇÃO

Uma segunda questão fregeana de nosso interesse e também desenvolvida a partir das relações entre sentido e referência passa pela noção de pressuposto. Diante de sentenças como:

(1) “Aquela cantora brasileira que ficou famosa pelas frutas que adornavam sua cabeça morreu estafada pela superexposição à mídia americana.”

O filósofo nos diz da falta de sentido e de referência da oração subordinada “que ficou famosa pelas frutas que adornavam sua cabeça”. Observe a demonstração:

(1’) “Aquela cantora brasileira que ficou famosa pelas frutas que adornavam sua cabeça não morreu estafada pela superexposição à mídia americana.”

(1’’) “Aquela cantora brasileira que ficou famosa pelas frutas que adornavam sua cabeça morreu estafada pela superexposição à mídia americana?”

Como vemos em (1), (1’) e (1’’), afirmando, negando e/ou interrogando, a seqüência continua dizendo que alguém “ficou famosa...” ou seja, a oração principal é alterada, mas a subordinada não. Ela não é afetada pelas incidências de negação ou interrogação. Para Frege, ela não tem sentido porque não é independente e sua referência não é um valor de verdade: é Carmem Miranda. (ver O. Ducrot em seu *Princípios de semântica Lingüística*, 1972).

SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Para as áreas de estudos pragmáticos do discurso, as relações do lingüístico com o mundo são trabalhadas a partir da noção de situação de comunicação. Os estudos pragmáticos procuram compreender os atos de linguagem, buscando nas relações com os objetos representados na linguagem “um complemento” para explicar a linguagem como instrumento de ação social. Ou seja essa concepção de discurso inclui um excluído por Saussure: o mundo.

Austin. *How to do things with words* (1962) “na base da teoria austiniana está a descoberta da existência de um tipo particular de enunciados,

os enunciados performativos que têm a propriedade de poder e, em certas condições, realizar o ato que eles denotam, isto é, ‘fazer’ qualquer coisa pelo simples fato do ‘dizer’: enunciar ‘Eu te prometo que venho’, é, ipso facto, realizar um ato, o de prometer” (Charaudeau & Maingueneau. *Dicionário de Análise do Discurso* [doravante DAD], p. 72); Searle, *Speech Acts* (1969) e *Expression and Meaning* (1979)) “insiste na necessidade de distinguir os atos ilocutórios (que correspondem às diferentes ações que se podem realizar por meios linguageiros: prometer, ordenar, agradecer, criticar etc. p. 73.

Por exemplo, diante do enunciado:

“Ela disse que amanhã não haverá aula”

Como sabemos, para uma abordagem estruturalista do tipo saussuriana o sentido de “ela” é restrito ao seu valor na relação com os outros valores que aparecem na cadeia lingüística. Já para certas pragmáticas o pronome “ela” precisa ser compreendido enquanto representação de algo, uma pessoa, uma exterioridade lingüística. Ou seja, se o pronome “ela” representa uma aluna, a compreensão do ato será uma, se o “ela” representa a professora, os sentidos serão bem diferentes. Por outro lado, se na situação de comunicação, o “ela” é aluna que está em aula e não no *shopping*, isso é parte do ato de linguagem e deve ser levado em consideração. Se o “ela” é professora e está com seus colegas em reunião do conselho de classe, os sentidos serão diferentes, por exemplo, de se estiver no supermercado. Em resumo, para essas pragmáticas os atos de linguagem devem ser compreendidos pela inclusão de sentidos extralingüísticos próprios da situação.

*

UM EXERCÍCIO COM OS DÊITICOS

Para demonstrar a relevância da inclusão do mundo, do referente, do contexto, em fim, da situação de comunicação para os estudos pragmáticos, vamos estudar uma categoria fundamental para essa área de trabalho: a dêixis (Benveniste (1966), Parte V. “O homem na língua”, 246-315). Estudar uma situação a partir da dêixis significa pensar a respeito da localização e da identificação das coisas, dos sujeitos, dos processos e acontecimentos. Façamos um exercício estudando um fato de linguagem.

UM “LÁ” PARA APAGAR

No início de 2008, o noticiário brasileiro foi tomado pelo chamado caso “Isabela Nardoni”. Uma criança de classe média foi assassinada em São Paulo. Em meio às coberturas jornalísticas um tanto quanto novelescas, um fato chamou atenção sobre o assunto na fala de um conhecido “âncora” (ver glossário) do telejornalismo brasileiro.

O fato veio na fala do apresentador Boris Casoy no “Jornal da Noite, Bandeirantes”.

Os trabalhos dos legistas da Usp e da promotoria paulista na pessoa de Francisco Cembranelli levavam a incriminação dos pais da criança. Os advogados de defesa Marco Polo Levorin e Ricardo Martins contrataram George Sanguinetti legista alagoano reconhecido pela participação em outros casos notórios.

Pois bem, certa noite, o tal apresentador, ao comentar a participação de Sanguinetti no caso, nos traz uma questão dêitica fundamental. Vejamos alguns elementos da situação de comunicação:

ACONTECIMENTO: UM “LÁ” NO CASO ISABELA NARDONI

Partes envolvidas

Promotoria - Francisco Cembranelli (legistas de São Paulo)
Acusados - Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá
Defesa - Marco Polo Levorin e Ricardo Martins (legista George Sanguinetti)

Espaço/tempo

Onde: Jornal da Noite (Bandeirantes - abrangência nacional)
Quando: 26/05/2008

Locutores

	Regiões do Brasil
	L2 - N
	L2 - NE
L1 (apresentador em SP)	L2 - S
	L2 - C
	L2 - SL

Em um momento específico, na estrutura do programa, L1, falando diretamente dos estúdios da televisão em SP, faz um comentário opinativo particular voltado para uma câmera exclusiva em close. Vejamos a seqüência:

L1 “- Olha, o fato é o seguinte: os legistas de São Paulo são os melhores da América Latina ... O professor Sanguinetti, contratado pela defesa, que ficou famoso com o caso PC Farias, dá aulas lá no nordeste ...”

Observemos, no enunciado, sentidos produzidos por dois localizadores:

a) “América latina” significa “legistas de São Paulo” em uma dimensão hierárquica positiva superior.

Mas, examinemos, sobretudo:

b) O efeito de sentido produzido junto a L2 pelo localizador “lá no nordeste”.

Vejamos a seguir quatro considerações do ponto de vista centrado no discurso. Lá no nordeste: ideologia

1. O “lá”, obviamente, é uma oposição ao “aqui” de L1 e seu (s) interlocutor (s) L2 das diferentes regiões do país. Mas para os telespectadores do nordeste, a posição L2/NE, o que se produz é uma não-coincidência espacial. Quer dizer, o “lá” de L1 e demais L2 é “aqui” para L2/NE. Nesse fato, para L2/NE, o “lá” não é mero localizador espacial.
2. Do ponto de vista de uma certa pragmática, essa não-coincidência aparece como um dado, uma falha contextual na determinação do uso lingüístico, um “ruído” no processo de comunicação a ser corrigido pela redação do telejornal.
3. Por outro lado, uma visada semântica enunciativa compreenderia essa não-coincidência entre o “lá” de L1 e o “aqui” de L2/NE não como um dado, mas como um fato que diz de um apagamento significado no sujeito. Quer dizer,
4. É que nesse caso, o “lá” funciona significando uma exclusão já que produz uma contradição entre o espaço-distância por ele descrito referencialmente e a posição de L2/NE então desterritorializada pela linguagem. Em resumo o “lá” é uma contradição que por apagamento do espaço exclui L2/NE das relações objetivas. Centramos o estudo no “lá”, mas obviamente a análise se estende ao fato do estado de Alagoas ser apagado por nordeste.



ATIVIDADES

Para finalizarmos esse exercício proponho ao caro (a) aluno (a) dar seqüência ao estudo do fato.

1. Nossa atividade analítica ficou centrada no “lá”, mas, obviamente, a análise se estende ao fato de, no mesmo enunciado, o “estado de Alagoas” ser apagado por “nordeste”.

Que tal uma reflexão sobre os sentidos do nome “nordeste” no Brasil? Sugiro duas observações.

1.1. Observemos que o nome “nordeste” resume o referente, o mundo. Ou seja, o sentido desse sinal apaga muitas diferenças entre os estados da região: diferenças sociais, culturais, lingüísticas, étnicas etc. Bem, caro (a) aluno (a), estamos diante da diferença na igualdade, um problema de identidade, mas, sobretudo, estamos diante do preconceito. E o princípio do problema é a criação do estereótipo, da homogeneização que define e dá visibilidade àquele que é o Outro.

Essa operação que se dá na e pela linguagem é sem dúvida de ordem ideológica (sobre esse tema ler a *Invenção do nordeste*, tese Unicamp/IFCH). Cabe perguntar. Por que, no Brasil, não dizemos “os sudestinos são...”? (aliás, a forma sudestinos é sublinhada em vermelho pelo programa Word, nordestinos não! Nordestino aparece no Aurélio, sudestino não).

1.2. Na mesma reportagem em que apareceu o “lá no nordeste”, o promotor Francisco Cembranelli referiu-se ao legista e professor da Universidade Federal de Alagoas, George Sanguinetti pelo seguinte enunciado:

“Não vai ser qualquer pessoa que aparece do nada que vai abalar isso [o trabalho dos paulistas]”

Que tal?

CONCLUSÃO

Dentre as teorias do discurso, há uma determinada região que inclui um excluído saussuriano: o mundo. Essa região que podemos chamar de pragmática contribui bastante para os estudos do discurso na medida em que o sujeito não é apenas o da frase, ou seja, não é um valor no código lingüístico tão somente por se opor a outro elemento da cadeia lingüística. O sujeito para essa pragmática tem relação de representação direta com as coisas do mundo o que nos leva ao problema da identidade e, mais, a elementos indiretos na representação: o problema da pressuposição, aquilo que é dito, mas não diretamente. Esses dois problemas estão em jogo quando o objeto de estudos do discurso é a situação de comunicação. Nela, é fundamental que o sujeito seja examinado nas relações espaço/tempo o que abre caminho para estudarmos uma categoria decisiva para os estudos do discurso: a enunciação (ler na plataforma uma breve coletânea de definições de enunciação; ficam também desde já recomendadas as leituras de *Da enunciação ao acontecimento discursivo em Análise de Discurso* de Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier e *Enunciação e História* de Eduardo Guimarães, ambos em *História e sentido na linguagem*, 1989).



RESUMO

Nessa aula, vimos que:

- a) A tradição das ciências trata as condições de verdade de uma oração através das relações de acordo/correspondência da oração com a realidade. Como a língua e as representações, a linguagem não são ferramentas perfeitas, nas relações com o mundo sensível, a realidade, há sempre contradições que interessam ao estudioso do discurso: problemas de identidade e pressuposição.
- b) O estudo do sujeito do discurso avança bastante ao passar a compreendê-lo não apenas no domínio da frase, mas como parte de uma dimensão mais ampla: a situação de comunicação.
- c) Nesses estudos, são importantes as categorias espaço/tempo e eu/tu, fundamentais para a noção de enunciação que, como veremos a partir da aula 5, será redimensionada para compreensão do sujeito social e histórico.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. (1966) **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas, SP, Pontes, 1995.
- _____. (1974) **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas, SP, Pontes, 1989.
- DUCROT, O. **Princípios de semântica Lingüística**. São Paulo, SP, Cultrix, 1972.
- FREGE, G. (1892) **Sobre o sentido e a referência. Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978.
- GUIMARÃES, E. **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP, Pontes, 1989.
- _____. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, SP, Pontes, 1995.